

Sobre a unidade teórica da obra de Marx

On the theoretical unity of the Marxian work

Márcio Egídio Schäfer*

RESUMO: O presente artigo busca discutir o problema da unidade teórica da obra de Marx. Para tal, buscar-se-á argumentar em prol da tese que recusa uma mudança radical entre o Marx “jovem” e o Marx “maduro”, mostrando que a posição teórica segundo a qual existe essa divisão da obra de Marx desconsidera algumas premissas centrais das teses marxianas. Tomando como pedra de toque o problema da alienação, intentar-se-á mostrar que há bons argumentos para pensar na hipótese de que, a partir do problema da alienação, é possível pensar numa unidade fundamental da obra de Marx, uma vez que tal problema viabiliza concatenar tanto a discussão filosófica bem como a discussão econômica, que perfazem a totalidade de sua obra.

ABSTRACT: The present article intends to discuss the problem of the theoretical unity of Marx’s work. For such, we argue in favor of the thesis that refuses a radical change between the “young” Marx and the “old” Marx, showing that the theoretical position, according to which such division of Marx’s work exists, disrespects some central premises of his theses. Taking as touchstone the problem of alienation, the present paper intend to show that we can have good arguments to think on the hypothesis that from the problem of alienation is possible to think a basic unity of Marx’s work, because such problem makes possible to concatenate the philosophical as well the economical discussion.

PALAVRAS-CHAVE: Marx. Filosofia. Economia. Alienação.

KEYWORDS: Marx. Philosophy. Economy. Alienation.

Introdução

Se na história da filosofia existe um autor que suscitou uma profunda controvérsia sobre seu próprio pensamento, esse autor seguramente é Marx. Autor de uma extensa obra, influenciada principalmente por três importantes correntes de pensamento, que, comumente, são classificadas em três categorias centrais, a saber, a filosofia clássica alemã, a moderna economia política britânica e o pensamento socialista francês¹. Mencionadas tais fontes, nota-se a diversidade de temas e preocupações que perpassam a vasta obra de Marx.

* Mestrando em Filosofia pela PUC-RS e pesquisador da CAPES. Contato: marcio_schafer@hotmail.com. As traduções feitas no presente texto são de inteira responsabilidade do autor.

¹ Lênin possui um conhecido livro com o título: *As fontes Filosóficas do Marxismo*. Nesse texto ele aponta exatamente essas três correntes de pensamento como sendo decisivas na formação do pensamento de Marx.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p.134-146
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	-----------

Desta feita, uma adequada compreensão do empreendimento teórico de Marx exige, necessariamente, uma adequada compreensão do ponto de partida de suas reflexões. Sem um correto delineamento deste, seguramente fica inviabilizada a leitura de sua obra a partir de um fio condutor que permita dar congruência e unidade às diferentes tematizações de sua obra.

Com esse fito, o presente trabalho pretende apresentar aquilo que fundamentalmente constitui o núcleo orientador da teoria marxiana. Esse núcleo, como será desenvolvido, é a temática da alienação, cuja compreensão precisa implica a elucidação de alguns conceitos centrais que demarcam a investigação marxiana como, por exemplo, o conceito de trabalho. Como já transpareceu, o propósito aqui é o de apresentar uma leitura que aponte para essa unidade fundamental do corpo teórico da obra marxiana. Deste modo, após expor esse núcleo orientador, notadamente em torno do problema da alienação, avançar-se-á na argumentação, buscando aduzir as razões segundo as quais a tão propagandeada “controvérsia de Marx²³” não é tão controversa assim. Desse modo, argumentar-se-á em prol de um ponto de vista teórico segundo o qual, sem recusar uma espécie de evolução intelectual e mesmo uma mutação no que tange à forma de tematização dos problemas em questão, não há um abandono ou uma mudança nos problemas em questão na passagem do “jovem” Marx para o Marx “maduro”.

1 O problema da alienação como fio condutor da obra marxiana

² Recentemente, o filósofo alemão Axel Honneth, num artigo sobre seu livro *Verdinglichung*, apresenta o referido problema da cisão de Marx nos seguintes termos: “Com o pequeno livro, publicado sob o título *Reificação*, eu pretendia colocar em destaque a herança da teoria de Marx de uma maneira nova, não desgastada. Já há alguns anos eu tinha a convicção de que a recepção de sua obra no século 20 havia enveredado por duas tendências igualmente falsas: de um lado, havia aqueles intérpretes que tentavam adaptar sua teoria essencialmente ao protótipo das ciências sociológicas normais; dos seus escritos, portanto, apenas deveria subsistir aquilo que satisfizesse as exigências explicativas que hoje são feitas para qualquer conceito da mudança social e da integração social. Por outro lado, já se havia divulgado desde o período inicial da social-democracia a tendência de reconhecer na teoria de Marx sobretudo uma crítica moral do capitalismo; aquilo que, por conseguinte, segundo esta tradição, deveria subsistir de seus escritos era essencialmente o propósito ético de denunciar as situações dadas de injustiça ou de exploração. Lá onde nos últimos anos ainda se ouvia falar de Marx nas ciências humanas, geralmente pode ser encontrada uma destas duas tendências interpretativas: ou a teoria é compreendida como um conceito da explicação materialista dos processos sociais de desenvolvimento, como em Althusser e seus seguidores, ou ela é interpretada, tal como frequentemente no marxismo analítico, como uma tentativa promissora de crítica ética ao capitalismo”. HONNETH, A. *Observações sobre a reificação*. Trad.: Giovanni Saavedra; Emil Sobotka. *Civitas*. Porto Alegre: VIII/1 (jan- abril de 2008). pp. 68-79.

³ Embora esse problema seja amplamente discutido na tradição da recepção de Marx na França, especialmente pelo estruturalismo, por Althusser, optamos, para fins de argumentação, discutir o mesmo problema a partir de um referencial teórico que não seja o da discussão francesa.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 134-146
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

A posição que se pretende expor e defender aqui consiste, fundamentalmente, que a obra de Marx se articula em torno do problema da alienação. Indubitavelmente, é esse o conceito que incita as mais variadas discussões sobre Marx, inclusive aquela que trata de apontar uma clivagem radical entre o Marx jovem e o Marx da maturidade. O conceito de alienação chega até mesmo a ser uma evidência em prol da referida posição. Na medida em que tal conceito é amplamente difuso na filosofia pré-marxiana, especialmente na *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, tematizar a alienação significa, para uma certa leitura de Marx, atentar para seu momento idealista, ao qual se contraporá o Marx maduro, cientista, economista e, por conseguinte, livre dos “devaneios idealistas”. Em termos gerais, portanto, pode-se falar de um Marx humanista, que se preocupa com o processo de desumanização que o trabalhador moderno padece sob os efeitos da moderna produção capitalista, preocupação essa que o impele a criticar tal sistema de reprodução social. Por outro lado, menciona-se que após passar por sua fase idealista, Marx abandona a problemática da alienação, focando-se, agora, na explicitação das regras econômicas que regem o desdobramento da história, regras essas expostas a partir das análises econômicas (ciência econômica).

Robert Tucker, autor de *Philosophy and Myth in Karl Marx*, cuja versão brasileira foi traduzida com o título *Karl Marx: filosofia e mito*, colocou a questão nos seguintes termos:

Há aparentemente um abismo filosófico entre o comunismo filosófico dos manuscritos de Marx do ano de 1844, ou marxismo inicial como o chamei, e o “socialismo científico” como Marx e Engels o apresentaram no *Manifesto Comunista* de 1848 e outras obras posteriores. Parecemos estar diante de dois marxismos diferentes e a distinção maior é a de que o homem auto-alheado, tema central do marxismo inicial, desaparece de vista na versão posterior. Na verdade, o marxismo amadurecido é um mundo mental do qual o “homem” parece estar ausente. O primeiro sistema de Marx é abertamente subjetivista, uma fenomenologia do homem construída conforme o modelo da fenomenologia do espírito de Hegel. Sua ideia presente em toda parte é a ideia do eu, vendo a propriedade como um fenômeno essencialmente subjetivo, a indústria como uma psicologia humana sensualmente considerada, o mundo como auto-objetivação do homem em atividade produtiva, o trabalhador como homem alheado de si próprio, e assim por diante. Além disso, é moral ou religiosamente significante de um modo francamente proclamado, onde o mal é a alheação. [...] no marxismo amadurecido, que tem seu início aproximado com a afirmação da concepção materialista da história por Marx em a *Ideologia Alemã* (1845-6), a ideia do eu parece desaparecer. Surge de modo bastante extemporâneo aqui e ali, como quando Marx escreve em seu livro: “na atividade revolucionária, a mudança do eu coincide com a das circunstâncias.” Ainda assim, as formulações publicadas no marxismo não dão a impressão de que o mesmo tenha muito a ver com o eu. Seu teor manifesto (para voltar a uma expressão já usada com referência à interpretação do hegelianismo por Feuerbach e Marx) não

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 134-146
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

é o eu, mas a sociedade. Este fato é epitomado na declaração de Marx no Manifesto Comunista: “o capital não é um poder pessoal, mas um poder social.”⁴

A argumentação de Tucker busca levar à conclusão de que o “eu”, objeto da análise marxiana antes da *Ideologia Alemã*, é abandonado da agenda de investigação de Marx. Contudo, afirmar que o sujeito, o “eu”, como se queira, não mais ocupa lugar na empreitada teórica de Marx exigiria no mínimo que se aduzissem algumas justificações para elucidar os objetivos teóricos que o autor possui ao dedicar a maior parte de sua vida à análise e exposição das leis econômicas geratrizes da história. Não parece satisfatório mencionar que só pelo fato de o capital ser um poder social, e que do fato de Marx tematizar o capital e, portanto, o aspecto social, esquecer o “eu”. O que Tucker parece esquecer é que para Marx, antes de qualquer coisa, os seres humanos são seres sociais e dentro do contexto social é que produzem e reproduzem suas condições materiais de vida. Isto é, “o ser humano é um ζῷον πολιτικόν, no sentido literal, não somente um animal social, mas um animal que somente pode se particularizar na sociedade”.⁵ Desse modo, se vige um modo de produção que aniquila a efetivação do “eu”, invariavelmente esse modo de produção deve ser tematizado. Assim, como se nota, não há um esquecimento do “eu” com as investigações econômicas, mas uma forma distinta de abordar o mesmo a partir da investigação e explicitação das leis que regem um sistema de reprodução que o nega. Em outros termos, o “eu” é tematizado ao se tematizar um estado de coisas que interdita seu desenvolvimento, apontando para a viabilidade de sua superação, para instaurar um novo modelo de reprodução social em que ele possa se afirmar e, assim, desenvolver suas potencialidades.

Desta feita, torna-se imprescindível, para tratar de modo satisfatório o problema da unidade teórica da obra marxiana, atentar para a relação fundamental que há entre a *filosofia* marxiana, que, como sustenta Tucker, se ocupa do “eu”, da questão da alienação e a *economia*, que, como constata o mesmo autor, se ocupa primordialmente das leis históricas, das forças econômico-sociais. A questão central, nesse caso, parece ser a de buscar elucidar a meta que Marx pretende alcançar com suas análises econômicas e, ainda, ver qual a relação que tais investigações possuem com o problema da alienação, ou se de fato quando Marx se centra na economia suas preocupações e pressupostos filosóficos evaporam.

⁴TUCKER, R. *Karl Marx: filosofia e mito*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963, p. 181-182.

⁵MARX, K. *Zur Kritik der Politischen Ökonomie*. Werke, Band 13. Berlin: Dietz Verlag, 1990, p. 616.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 134-146
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

Para argumentar a favor da tese segundo a qual é uma impropriedade falar que Marx abandona o “viés idealista” a partir do momento em que passa a se ocupar da análise econômica com o fito de explicitar as leis que são o cerne do desenvolvimento histórico, pode-se arrolar aqui um pequeno relato autobiográfico de Marx, no prefácio de sua obra *Contribuição à Crítica da Economia Política (Zur Kritik der Politischen Ökonomie)*, quando afirma que:

A matéria de meu estudo era o direito, disciplina essa que eu, contudo, levava adiante como uma disciplina subordinada ao lado da filosofia e da história. No ano de 1842/43, como redator da gazeta renana, cheguei pela primeira vez ao embaraço de ter que me exprimir no que tange aos assim chamados interesses materiais. As discussões do parlamento renano sobre o roubo de lenha e o parcelamento da propriedade fundiária, a polêmica oficial que o senhor Schaper, naquela oportunidade presidente supremo da província do Reno, abriu com a gazeta renana sobre o estado dos agricultores do mosela, finalmente os debates sobre o livre comércio e a proteção aduaneira me deram a primeira ocasião para minha ocupação com os assuntos econômicos.⁶

Marx dirime qualquer suspeita sobre qual a gênese das suas preocupações econômicas na pequena passagem citada acima. Na letra do próprio autor, pode-se perceber que sequer aquilo que se pretende classificar como o “jovem” Marx escapa às imbricações econômicas, pois, como consta, as preocupações com os assuntos econômicos antecedem cronologicamente a redação dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, que constituem aquilo que comumente se classifica como o núcleo da formulação do problema da alienação e, por conseguinte, do “idealismo” marxiano. Para corroborar essa tese, pode-se ainda mencionar a temática com a qual o autor inicia seus assim denominados *Manuscritos*. Já em seu primeiro parágrafo, o autor articula os agentes que movem o sistema de reprodução que é objeto de sua investigação, a saber, o trabalho e o capital⁷. E indubitavelmente a pergunta guia que Marx persegue é: por que a balança sempre pende a favor deste? Querer classificar tal problema como devaneio idealista parece exigir, para dizer pouco, uma imaginação bastante fértil.

Aqueles que propõem uma leitura da obra marxiana nesses termos procuram propalar, como já se mencionou, que o “idealismo” desponta em razão de Marx estar numa relação tênue com a filosofia que o precede, especialmente Hegel. Desse modo, o uso de conceitos tomados por idealistas serve como pretexto para classificar peremptoriamente seu autor como

⁶MARX, K. *Zur Kritik der Politischen Ökonomie*. Werke, Band 13. Berlin, Dietz Verlag, 1990, p. 7-8

⁷Na primeira linha do primeiro *Manuscrito* diz Marx: “*Arbeitslohn wird bestimmt durch den feindlichen Kampf zwischen Kapitalist und Arbeiter*”. MARX, K. *Ökonomisch-philosophische Manuskripte*. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2005, p. 5.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 134-146
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

idealista. Mas como se buscou evidenciar aqui, o autor dos *Manuscritos* não pode ser, em hipótese alguma, tachado de ingênuo e, por tabela, de idealista, especialmente quando entra em cena o conceito de alienação.

O que merece um profundo exame nesse contexto é o uso que Marx faz do uso dos conceitos da tradição idealista. Para tal exame é mais do que pertinente perguntar pelo sentido que Marx atribui ao referido conceito. Mais ainda, quais são os horizontes nos quais ele se movimenta quanto introduz esse conceito. Como se tentou demonstrar, o escopo da ação investigativa de Marx tinha limites bem torneados. O tino investigativo de Marx, especialmente quando atuou como redator da *Gazeta Renana*, o levou a perceber que as grandes questões sociais, as discrepantes condições sociais que eram marca característica do seu tempo não poderiam receber um tratamento satisfatório se não fossem examinadas também a partir de um ponto de vista econômico. Em outros termos, Marx vê que somente no âmbito da filosofia não se consegue compreender a verdadeira natureza dos processos sociais e econômicos em movimento, cujas consequências eram por demais atuantes sobre os seres humanos de seu tempo, culminando no complexo problema da alienação. Por essa razão, a tese segundo a qual Marx está perpetrando uma mera crítica moral não se justifica, dado o hercúleo esforço empreendido pelo autor na desmistificação das forças econômicas que acarretam na alienação. Aliás, essa é uma consideração fundamental para compreender o que tão somente é uma crítica moral do capitalismo e o que é o projeto marxiano de crítica do capital. Conforme Mészáros:

O socialismo utópico tinha que ser rejeitado como a consciência pesada do liberalismo. Pois, a pesar de suas confessadas simpatias, os socialistas utópicos não puderam ir além de fornecer sermões moralistas que se mostraram incapazes de alterar a ordem social estabelecida.⁸

Assim, mesmo tendo um tom de denúncia, reduzir a investigação marxiana a uma crítica moral e religiosa é desconsiderar completamente o esforço empreendido pelo autor em compreender a verdadeira natureza da alienação, que constitui o eixo central das investigações econômicas. Isto é, ignorar que pelas investigações no âmbito da economia Marx desvela a verdadeira origem da alienação, indicando, com isso, o caminho a ser trilhado para superar esse estado de coisas. Urge atentar, portanto, que o tom no qual os resultados de suas investigações são apresentados não o é de alguém que está meramente fazendo uma descrição

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 134-146
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

dos fenômenos econômicos, estabelecendo suas leis e tendências históricas, mas de alguém que está apontado para o caráter histórico das circunstâncias que levam à alienação econômica, mostrando seu caráter contingente, histórico e, por isso mesmo, alterável. Ou seja, da mesma forma como o modo de produção vigente, que é a raiz da alienação na qual se encontra a classe trabalhadora, é um constructo histórico, assim igualmente pode ser historicamente transcendido.

2 A alienação como alienação econômica e suas implicações ontológicas

O núcleo das investigações econômicas de Marx pode ser colocado nos seguintes termos: qual é o fundamento econômico da alienação que aflige o ser humano com o advento do capital? Tal como seu contemporâneo filosófico Ludwig Andreas Feuerbach, Marx quer compreender a origem da alienação. Obviamente, o filósofo de Landshut está ocupado com uma forma específica de alienação, a saber, a alienação religiosa. Marx vai reconhecer neste aspecto da filosofia feuerbachiana uma característica fundamental, qual seja, de reconhecer que a gênese daquele estado de coisas que domina os seres humanos é fruto de sua própria ação. Contudo, permanece uma distinção fundamental entre ambos os filósofos, como transparece nas famosas teses *ad* Feuerbach, redigidas por Marx. Tendo por meta compreender a origem da alienação religiosa, Feuerbach investiga qual a origem daquele ser todo poderoso, onipotente, que contém todas aquelas perfeições das quais o ser humano está destituído. Em termos gerais, a conclusão feuerbachiana constitui-se na afirmação de que Deus nada mais é do que a projeção que o ser humano faz, num outro ser, de todos aqueles atributos que lhe aparecem como sendo indispensáveis para a constituição de um ser perfeito, atributos esses dos quais ele, na sua existência terrena, se sente desprovido. Deus surge, neste contexto, como o ser no qual todos esses atributos se encontram.

Nas referidas teses *ad* Feuerbach, Marx critica o mencionado autor por ter se ocupado de um problema que, apesar da sua importância, não dava conta dos problemas concretos vinculados à questão da alienação. Segundo Marx, por Feuerbach se ocupar de um domínio muito específico da alienação, qual seja, a alienação religiosa, ele se atém a um tipo de atividade específica, a saber, a atividade teórica, com a qual é inviável compreender os

⁸ MÉSZÁROS, I. *Para Além do Capital*. Trad. De Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo editorial, 2006, p. 523.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 134-146
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

processos históricos que engendram a alienação concreta. A isso parece ser desnecessário acrescentar muitas palavras para saber qual foi o caminho trilhado por Marx.

O intuito de Marx, em suas investigações econômicas, foi o de desvelar como se dá a reprodução do capital e como dentro dessa forma específica de reprodução social se engendra a auto-alienação do trabalhador. Cabe matizar, uma vez mais, que com essa ênfase se pretende explicitar que a grande diretriz da investigação econômica de Marx não está numa simples exposição do que constitua o sistema de reprodução do capital. Assim, o fato ao qual se deve atribuir o âmago do inquérito marxiano da economia repousa no profundo comprometimento que o autor tem, em primeiro lugar, de desvelar as causas da alienação, algo viabilizado pelas análises da reprodução do capital e, em segundo lugar, o caráter político que aparece sub-repticiamente nessas análises, qual seja, de uma vez demonstrada a historicidade das causas da alienação, mostrar qual o caminho a ser trilhado para superá-la. Retomando a controvérsia de Marx com o socialismo utópico, é exatamente quanto a esse ponto que irrompe a diferenciação essencial entre as duas concepções. Enquanto Marx se empenha por mostrar o caráter histórico da reprodução do capital, expondo o mesmo meticulosamente, os últimos somente se limitavam a enunciar juízos morais sobre a realidade dos seres humanos de sua época.⁹

É nesse contexto que há de se situar o problema da alienação, central para o desenvolvimento da obra marxiana. Contudo, elucidar esse problema em Marx requer que se atente, em linhas gerais, quais são alguns dos aspectos ontológicos implicados na análise marxiana da alienação. Neste contexto, o conceito de trabalho ocupa um papel protagonista, porque em torno dele Marx desdobra a referida problemática.

O ponto fulcral daquilo que se pode chamar de ontologia marxiana consiste em dizer que o ser humano é um ser que vem ao mundo enquanto potencialidade. Isto é, o ser humano não nasce já desenvolvido como tal. O que ele vem a ser, o é a partir da sua mediação com o mundo natural e com a história humana. A esse respeito, é oportuno mencionar que não obstante a humanidade depender fundamentalmente de um processo de vir-a-ser, o ser humano somente vem a ser algo pelo fato de dispor de uma forma de mediação, através da

⁹Outra incompreensão bastante difusa da obra de Marx consiste em compreender a expressão “socialismo científico” como se com ela Marx estivesse prevendo um estado futuro, o socialismo, e como sendo científico, refutaria qualquer tipo de oposição, na medida em que por ser científico seria o verdadeiro. Mas na verdade, tal expressão deve ser compreendida justamente nesse contexto de controvérsia com os socialistas utópicos, que como se buscou mostrar, não iam à raiz dos problemas em questão. E a radicalidade de Marx desponta

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 134-146
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

qual pode desenvolver suas potencialidades. E essa forma de mediação é essencialmente a atividade criadora, o trabalho, a arte¹⁰, através da qual um mundo humano é moldado a partir da incidência da atividade humana sobre a natureza. Mészáros formula o problema nos seguintes termos:

Tudo o que é específico, tudo o que tem uma forma (já que cada forma particular expressa uma relação específica com o seu conteúdo) deve ser explicado em termos de vir a ser, e por isso nenhuma condição primordial pode ser suposta. É por isso que Marx começa definindo a relação historicamente primária entre o homem e a natureza como a relação da natureza consigo mesma, com o fundamento de que o homem é parte específica da natureza. [...] A fim de definir o homem como parte específica da natureza, é preciso possuir não somente uma concepção histórica ampla da própria natureza, que leve em conta a possibilidade, na verdade a necessidade, de diferenciação no interior da natureza, [...] mas também o fator particular que necessita de uma forma peculiar de diferenciação, que resulta na relação intrínseca entre homem e natureza. O fator que envolve essa forma peculiar de diferenciação é a “indústria”, a “atividade com propósito”, a “atividade vital essencial”. Nesse sentido, o conceito de atividade (trabalho) é logicamente (e historicamente) anterior ao conceito de homem. Mas essa prioridade é, evidentemente, relativa, pois todos os três membros dessa relação dialética pertencem ao mesmo todo complexo, e nenhum deles pode ser abstraído sem destruir a relação específica como tal.¹¹

Marx, de acordo com Mészáros, concebe que não há, *prima facie*, uma clivagem radical entre ser humano e natureza. Define o ser humano como sendo um ser específico da natureza, cuja especificidade reside exatamente no fato de ser um ser “automedidor”, que se desenvolve e se diferencia no seio da natureza, como um ser peculiar, na medida em que põe na naturalidade fins genuínos, os quais foram primeiramente gerados em sua subjetividade. E essa passagem daquilo que é ideado na subjetividade para a concretude da objetividade se dá por meio da atividade criadora do ser humano. Mas exatamente nesse cenário irrompe o problema da alienação. De fato, por meio da mediação do trabalho o ser humano deveria chegar a ser um ser específico da natureza, na medida em que instituiria um mundo à sua

exatamente nisso, a saber, de com suas análises “científicas” desvelar as reais causas das mazelas que afligiam a classe trabalhadora de seu tempo.

¹⁰O filósofo espanhol radicado no México Adolfo Sánchez Vázquez coloca a relação trabalho e arte nos seguintes termos: “a arte e o trabalho se assemelham, pois, mediante sua comum ligação com a essência humana, isto é, por serem a atividade criadora mediante a qual o homem produz objetos que o expressam, que falam dele e por ele. Entre arte e trabalho, portanto, não existe a oposição radical que a estética idealista alemã supunha; para ela, o trabalho se encontra sujeito a mais rigorosa necessidade vital, ao passo que a arte é a expressão das forças livres e criadoras do homem. Por outro lado, tal estética levantava umamuralha infranqueável entre as duas atividades em virtude de seus efeitos opostos: dor e sofrimento os do trabalho; alegria e prazer os da arte. Marx assinalou que esta oposição é válida quando o trabalho adota a forma de trabalho alienado, mas não quando tem um caráter criador, ou seja, quando produz objetos nos quais o ser humano se objetiva e se expressa”. VASQUEZ, A. S. *As Ideias Estéticas de Marx*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 69-70.

¹¹MÉSZÁROS, I. *A teoria da alienação em Marx*. Trad.: Isa Tavares. São Paulo: Boitempo editorial, 2009. p. 116-117.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 134-146
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

maneira, com feições humanas. Esse seria o caso quando aquela objetividade criada ou transformada pela atividade criadora do ser humano correspondesse àquilo que previamente fora plasmado na sua interioridade. Em outras palavras, quando o trabalhador reconhece a si mesmo no produto de seu trabalho.

Todavia, no diagnóstico que Marx faz da moderna sociedade capitalista, neste modo de produção específico, tal reconhecimento não se efetua. A consequência que se segue dessa constatação, conforme a exposição aqui desenvolvida, é que na forma alienada do trabalho, aquele aspecto ontológico central que é o vir-a-ser do homem pelo trabalho não é concretizado. Vale dizer, o ser humano como tal não se realiza, pois lhe falta o lado da diferenciação entre os outros seres da natureza, diferenciação essa que depende do reconhecimento do ser humano como fruto de sua atividade criadora, que se dá quando esse reconhece que aquilo que é engendrado pela sua ação é o outro dele mesmo; isto é, quando a objetividade transformada espelha sua subjetividade.

Em relação a esse problema podemos ler, no *Capital*, obra classificada como cientificista e, por essa razão, não trataria da problemática da alienação, conceito eminentemente idealista, a seguinte formulação:

É somente a relação socialmente determinada dos seres humanos mesmos, que adquire aqui para eles a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Por isso, para achar uma analogia precisamos passar para a região nebulosa do mundo religioso. Aqui aparecem os produtos da cabeça humana dotados com vida própria, como estruturas independentes umas em relação com as outras e com os seres humanos. Assim, também no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana. Isso eu denomino de fetichismo, que se acopla nos produtos do trabalho quando eles são produzidos como mercadorias, e que por isso é inseparável da produção das mercadorias. Este caráter fetichista se origina, como a análise precedente já demonstrou, do caráter social peculiar do trabalho que produz mercadorias [trabalho esse exercido sob a égide da produção capitalista, que exatamente inverte o objetivo da produção, a saber, não se trata mais de satisfazer demandas genuinamente humanas, mas da produção de mercadorias para o intercâmbio econômico com vistas a acumulação do capital].¹²

Marx, na passagem citada, é extremamente perspicuo no que tange à formulação do problema da alienação no âmbito das investigações econômicas. Como foi exposto acima, o trabalho é a atividade mediadora que faz com que o ser humano possa efetuar seu ser, suas potencialidades, que lhe são conferidas pela natureza, não dadas de modo acabado, mas que

¹²MARX, K. *Das Kapital*. Werke, Band 23. Berlin: DietzVerlag, 1993. p. 86-87.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 134-146
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

enquanto potencialidades requerem um desenvolvimento. Neste sentido, a efetivação do ser humano acaba por ser circunscrita a um processo, cuja mola propulsora é o trabalho.

Contudo, nota Marx, há um tipo peculiar de forma de reprodução social, aquela na qual a ênfase é posta na produção de mercadorias para a troca, que leva à instituição de um mundo que não corresponde ao vir-a-ser do ser humano na história. A forma de reprodução social que privilegia a produção de mercadorias com vistas à auto expansão do capital leva à instauração de um estado de coisas que conduz antes à negação do ser humano do que à sua afirmação. Tal negação é manifestada no caráter fetichista que o mundo das mercadorias assume. Esse caráter pervertido se dá em função do poder autônomo que os produtos alcançam frente aos produtores. Ou seja, aquilo que o trabalhador produz não é mais a exteriorização de suas forças vitais e, por isso, a criação de um mundo humanizado, mas antes de um mundo estranho, que o domina¹³. É esse o paralelo que Marx vê com relação à análise da religião de Feuerbach, que levou a consequências parecidas, só que no âmbito da vida religiosa, em que aquele ser criado pela práxis teórica acaba por assumir um poder incontrolável, que domina o produtor.

Espera-se, com a análise sumária que apresentamos, ter relevado o fio condutor da obra de Marx, destacando a continuidade que perpassa as suas distintas fases. Para tal, enfatizou-se o problema da alienação, que para aqueles que propõem uma ruptura entre as obras do jovem Marx e do Marx maduro somente é tematizado pelo primeiro. Propôs-se aqui uma tentativa de fazer convergir ambas atentando ao caráter emancipatório que perpassa todo o projeto marxiano. Ou seja, uma vez formulado o problema da alienação, urgia pensar alternativas para superar o sistema de reprodução que a engendra. À diferença dos socialistas utópicos, que se limitavam a dar “sermões moralistas”, Marx embrenhou-se na análise das

¹³ Numa passagem dos *Grundrisse* que, cabe salientar, é uma obra redigida muitos anos após a *Ideologia Alemã*, que, como vimos, é indicada por Tucker como sendo a obra que marca a clivagem entre o Marx idealista, que se ocupa com a alienação e o Marx maduro, economista, lemos que “quando a forma burguesa limitada for eliminada, o que será a riqueza senão a universalidade das necessidades, capacidades, prazeres, forças produtivas individuais, criadas através do intercambio universal? O pleno desenvolvimento do domínio do homem sobre as forças da natureza, tanto da assim chamada natureza como da própria humanidade. O desdobramento completo destas potencialidades criativas, sem qualquer pressuposto senão o desenvolvimento histórico prévio, que faz desta totalidade de desenvolvimento, isto é, o desenvolvimento de todos os poderes humanos enquanto tais o fim em si próprio, não mensurável com um padrão determinado? Na qual ele não reproduz a si próprio em sua especificidade, mas produz sua totalidade? Luta não para permanecer algo que se tornou, mas se encontra no absoluto movimento do vir-a-ser? Na economia burguesa – e na época de produção a qual corresponde – este desenvolvimento pleno do conteúdo humano aparece como um completo esvaziamento, esta objetificação completa como total alienação, e este romper de todas as finalidades limitadas, parciais, como sacrifício da finalidade humana como tal a um fim totalmente externo?” MARX apud Mészáros. *Para Além do Capital*. Trad.: Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo editorial 2006, p. 612-613.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 134-146
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

categorias que dão suporte à reprodução do capital, demonstrando sua historicidade e as condições de sua transcendência, relevando a viabilidade de seu projeto emancipatório.

Conclusão

No itinerário percorrido no presente estudo, objetivou-se argumentar em prol de uma interpretação da obra de Marx que aponta para uma unidade fundamental em seus escritos. Expondo algumas concepções clássicas que apontam justamente para a posição contrária como, por exemplo, aquela defendida por Tucker, buscou-se filtrar qual é a oposição ou ao menos algumas marcas características dessa interpretação que indica para a oposição entre o Marx jovem e o Marx maduro. Grosso modo, o critério para adotar essa classificação consistia em dizer que, numa primeira fase de seus escritos, o filósofo de Trier se ocupou com o “eu” e, numa fase posterior, esqueceu esse “eu”, passando a se ocupar com aspectos mais gerais do desenvolvimento histórico a partir dos estudos econômicos.

Tomando como fio condutor o problema da alienação, buscou-se desenvolver uma leitura de Marx que, recusando uma ruptura fundamental entre filosofia e economia, recusa também a clivagem de Marx em dois: em humanista e cientista. A partir do problema da alienação, tal articulação fundamental se torna bem nítida. Isso por que Marx, mesmo antes de redigir os famosos *Manuscritos*, já havia notado a centralidade da economia para o adequado tratamento do problema da alienação. Isso já evidencia que o fito das investigações econômicas sempre será o de desvelar como o sistema de reprodução do capital implica no engendramento de um poder material, frente ao qual o produtor, o trabalhador, não se reconhece e, pior ainda, acaba sendo dominado.

Desse arcabouço argumentativo pode-se inferir, então, que para Marx tematizar o “eu” não é tão somente algo filosófico, nem somente econômico. Ambas as investigações guardam uma relação simétrica quanto ao desdobramento do problema da alienação, em que os avanços duma implicam na resolução de problemas da outra. Com isso, evita-se cair num reducionismo que aponta para a descontinuidade do empreendimento teórico marxiano, calcado num pseudo-abismo entre economia e filosofia. Ou seja, em última instância, do fato de Marx tematizar as leis econômicas não se segue o desaparecimento ou o esquecimento do “eu”.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 134-146
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

Referências bibliográficas:

- HONNETH, A. *Observações sobre a reificação*. Trad.: Giovanni Saavedra; Emil Sobotka. *Civitas*. Porto Alegre: VIII/1 (jan- abril de 2008). pp. 68-79.
- MARX, K. *Das Kapital*. Werke, Band 23. Berlin: Dietz Verlag, 1993.
- _____. *Ökonomisch-philosophische Manuskripte*. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2005.
- _____. *Zur Kritik der Politischen Ökonomie*. Werke, Band 13. Berlin: Dietz Verlag, 1990.
- MÉSZÁROS, I. *A Teoria da Alienação em Marx*. Tradutor(a):Isa Tavares. São Paulo: Boitempo editorial, 2009.
- _____. *Para Além do Capital*. Tradutor(a):Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo editorial. 2006.
- TUCKER, R. *Karl Marx: filosofia e mito*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1963.
- VASQUEZ, A. S. *As Ideias Estéticas de Marx*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 134-146
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------